

Resenha

FREITAS, Clarissa; JUNQUEIRA, Márcio; MATOS, Lucas (Org.). *Bliss: revista de poesia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

OS NOVOS QUEREM O (SEU) ÊXTASE

Renan Ji (Mestrando em Literatura Brasileira, UERJ)

renanji@hotmail.com

Na esteira da combalida metafísica, com todas as desconstruções dos sistemas filosóficos que determinaram a modernidade, é lícito ainda pensar em formas de transcendência? É possível ainda encontrar o sublime na experiência, o esplendor na vida cotidiana? Acreditando que sim, os novos Clarissa Freitas, Márcio Junqueira e Lucas Matos se dedicam a garimpar os momentos de *bliss* na atual poesia brasileira. Os poetas partem da definição – transcrita em versos e transformada ela mesma em poema pelos editores – de Ana Cristina César, quando da sua tradução do conto “Bliss”, de Katherine Mansfield. *Bliss* pode ser entendido por felicidade, glória, sublimidade, sentimento nirvânico de conexão com o mundo, cuja nomeação se torna problemática na medida em que é uma vivência da ordem do inefável e do indizível. Não achando correspondente exato no português para tal palavra, Ana C. tentou dar conta do refinamento e da ambiguidade dessa experiência traduzindo-a como “êxtase”.

A revista *Bliss* se propõe a revelar as tentativas de expressão desse inaudito estado afetivo nas múltiplas linguagens artísticas, na fotografia e na imagem, no ensaio e no poema. Os diferentes registros se enfeixam num único conjunto ao abordarem esse

momento tão raro e precioso, mostrando que, no final, tudo é poesia. Palavra, acima de tudo. Não é por outra razão que a *Bliss* dos poetas da UERJ se declara como revista de poesia. Mas uma poesia que não é mero verbo, e sim linguagem extática que se derrama no fluxo da arte.

O fulgor da palavra poética em êxtase é momentâneo, efemeridade privilegiada que se reflete no número único da publicação, em vez da seriação periódica que normalmente se esperaria de uma revista de poesia. É como se quisesse dizer que a graça do êxtase é fugidia, coisa de momento, um breve aceno glorioso que não se repete. E, de fato, a reunião de tantos artistas com dicções tão diferentes parece ser daqueles eventos que ocorrem apenas uma vez, tamanha é a dificuldade das agendas pessoais, das idiossincrasias, do processo burocrático-financeiro com as editoras, obstáculos que tornam hercúlea qualquer tentativa de publicação no difícil terreno da poesia.

Mas os novos deram cabo da empreitada e conseguiram de vários artistas uma contribuição de *bliss*. Os esquivos olhos por entre os flashes da realidade nos poemas de Clarissa Freitas se unem a um nostálgico Márcio Junqueira, fazendo-me vislumbrar um bloco de poemas do cotidiano: com o bolo de laranja de Alice Sant'Anna, o *wafers* Piraquê e os devaneios da gorda em Daniel Massa, e com os desenganos amorosos de Leo S., os poetas procuram extrair essencialidades do comezinho, dos detalhes prosaicos. O fluxo de imagens do ordinário frequentemente repercute a estratégia fragmentária das poéticas modernas, chegando ao ápice no astronauta de Mariana Suozzo, na dieta poética de Ricardo Domeneck e no romance em construção de Natalie Quintane.

Outros nomes ilustres e artistas mais conhecidos do *showbiz* engordam a lista. Além de Kaváfis e Pasolini, os brasileiros marcam presença: Paulinho Moska e Adriana

Calcanhoto falam da criação como ato de liberdade, ao passo que Arnaldo Antunes faz poemas que parecem acompanhar a respiração do leitor. Antônio Cícero, como sempre, tece palavras belas e fluidas, que parecem ressoar junto da maciez dos versos quase cantados de Omar Salomão.

Por vezes contaminando os temas acima, outro pólo importante da sinergia poética em *Bliss* deve ser lembrado: as circunvoluções do corpo movido por desejos e latências; as carnes que guardam segredos primordiais e sagrados. O ensaio de Leo S. sobre Hilda Hilst investiga o divino que se sagra nas genitálias, instaurando um misticismo que encontra a transcendência no corpo rebaixado. Similarmente, o soneto escatológico e o depoimento biográfico de Glauco Matoso representam também uma maneira de se elevar ao sagrado pela via da torpeza, do masoquismo podólatra. Por outro lado, paralelamente ao êxtase da obscenidade, Fernanda Shcolnik observa e vivencia a cinesse do corpo em expansão, ao passo que Lucas Matos profere desfechos trágicos para desejos secretos e amores malditos.

Dando prosseguimento à temática do erotismo, Ismar Tirelli Neto dá voz e consciência ao poema erótico, esmiuçando a sua natureza e esboçando uma dimensão reflexiva da práxis poética. Ismar introduz aqui uma questão sobre o que move a poesia erótica, suas motivações e intenções. O poeta, por sua vez, parece anunciar a problemática desenvolvida por Carlos Lima e Andrei Codrescu, cuja contribuição poética na revista se dá a partir de firmes posicionamentos da poesia frente ao mundo e à tradição literária. O poema erótico de Ismar parece encenar rudimentarmente uma reflexão interna que é mais profundamente desenvolvida na “boulevard do inferno” de Lima e no apelo ao poeta jovem de Codrescu, de que derivam implicações sobre o próprio fazer poético e o lugar do artista no mundo.

O zelo da dupla Lima/Codrescu sobre as questões concernentes à poesia traz à tona uma outra polaridade temática da publicação. A revista *Bliss* não é um espaço apenas ocupado pela produção; também faz render um entendimento genealógico e fundante da poesia contemporânea. O contexto histórico e as tendências ficam a cargo da quase biográfica entrevista de Ítalo Moriconi, que analisou e viveu intimamente os dilemas e caminhos da poesia desde os anos 70. Já a dimensão ontológica fica por conta de Nelma Cabral, que investiga os abismos da linguagem em George Bataille. Para além dessa contextualização, a revista também toca em questões prementes, que provavelmente afligem os próprios organizadores, na medida em que incluíram, além de Carlos Lima e Andrei Codrescu, o perplexo “A canção de amor do traficante de *marijuana*” de Leopoldo Maria Panero e um trecho retrabalhado de *Os detetives selvagens*, de Roberto Bolaño. Torna-se aqui patente a tentativa de extrair um sentido da modernidade e do cenário poético atual, procurando tanto na própria linguagem verbal como em outras formas de arte uma leitura ou articulação que possam dar conta da poesia como fenômeno artístico.

O hibridismo, nesse sentido, é uma incursão obrigatória. Os poemas convivem e dialogam com imagens, chegando os editores a ousadamente reformatar um texto literário na forma de história em quadrinhos. A essa HQ inspirada no livro de Bolaño se juntam as fotos de Mariana Katona, que ilustram e dialogam com muitos poemas, entre eles os de Glauco Matoso e Ismar Tirelli Neto, assim como as fotos de Rômulo Queiroz e o desenho de Douglas Azevedo tratam de escritas no e do corpo, acompanhando as propostas de várias outras composições.

O leitor pode notar que, até aqui, absteve-me de citar títulos e trechos de poemas, preferindo destacar os nomes dos autores e as linhas mestras de configuração da revista.

Motivou essa escolha a impressão de que existe uma espécie de destaque para a figura autoral, realçada no sumário e na quarta capa, colocando em evidência o caráter de *ensemble* da publicação, que reúne não apenas poemas e gravuras na coerência da colagem, mas também um conjunto de autores com seus nomes devidamente realçados.

Esse traço pode ser lido como espécie de culto à personalidade, que deixa transparecer o artista por trás do poema, em detrimento do projeto poético/estético da publicação. De fato, a revista parece carecer de indicações claras acerca das propostas e concepções que a legitimam ou justificam. Entretanto, antes de fechar conclusões, deve-se conferir ao final o *making of* organizado pelos novíssimos poetas. O anexo é composto de uma série de *emails* pessoais dos editores, junto de várias mensagens eletrônicas trocadas com outros agentes envolvidos no processo, como tradutores e colaboradores. Vejo aqui uma seleção de textos particulares que recrudescer ainda mais a hipertrofia autoral apontada anteriormente, valorizando o sujeito por trás da poesia e da publicação, sendo que os resultados da afetação e do egocentrismo que porventura resultariam dessa opção não se confirmam.

O conjunto desses textos de origem virtual documenta todo o custoso e transformador processo de feitura da revista: ao fornecer um relato pessoal e afetivo de todo o decorrer da construção do produto, permite ao leitor acompanhar a idéia desde seu estado embrionário até a concretização do projeto. O aspecto ideológico do projeto de *Bliss*, com as concepções e critérios que embasaram a obra, vai aparecendo difusamente ao longo da escrita pessoal, que costura logística e *deadlines* com vivências subjetivas. Trivialidade e vida literária aderem ao correio eletrônico, tornando a leitura do *making of* tão interessante quanto a da revista. Assim, a valorização do sujeito por

trás do poema se desloca do estrelismo biográfico para gerar o intimismo, que permite vislumbrar a forma *sui generis* como a revista foi concebida.

Os textos do *making of* estabelecem uma proximidade com o leitor, tornando a revista orgânica, fruto de mãos e de esforços palpáveis. Surge o cotidiano na aspereza e no deleite, ressaltando que não são exatamente ideais pomposos e manifestos poéticos que fazem revistas, e sim a vida pequena e a vontade comum que tocam os projetos: “a aposta de fazer uma revista é uma aposta nesse mundo, nessa vida real”, escreve o poeta Lucas Matos (*making of*, p. 23), em um de seus *emails*.

Quando a *Bliss* mostra seus bastidores, o momento de êxtase da poesia adquire mundanidade, a experiência ganha tato, e a singularidade da proposta dos editores transpõe o conceitual inspirado em Ana C. Eles pagam tributo à idéia, mas seguem livres para imaginar o seu próprio entendimento de *Bliss*, um sentimento que está antes de tudo na carne, na paixão real, na atitude perante a vida, cuja intenção é despertar no leitor o desejo atuante, a vontade de mandar *emails*, escrever poemas.